A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO ENTRE PORTUGAL, ANGOLA E MOÇAMBIQUE NO SÉCULO XX

Cecília Gomes da Silva[1]

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo entender como o processo de educação, a formação de unidades escolares e o ideal de desconstrução foram utilizados na intensificação da desorganização administrativa de Angola e Moçambique durante o século XX. Para tanto perceber as contribuições dadas pela republica portuguesa que impôs a esses países os costumes portugueses durante o período de colonização, quanto dadas por Angola e Moçambique na tentativa de formar grupos militares de combate a influencia portuguesa. Como fontes utilizaremos as coleções de cartas, dossiês, discursos e jornais sobre os processos educacionais de Angola e Moçambique disponíveis online no site *Mozambiquehistory.net*, os cadernos, documentos e boletins disponíveis online no site *Memórias da África e do Oriente*, bem como as obras de Henri Junod (1996), John Iliffe (1999), Joseph Miller (1995), Elikia M'Bokolo (2009), Mugur Valahu (1968), Marlyn Newit (1997), Redinha (1994), Pedro Lais (1900) e Perry Anderson (1966). Optamos assim por uma abordagem histórica que promova o diálogo entre as fontes e as obras citadas numa tentativa de compreender como o processo educacional serviu de instrumento para ambos os países alcançarem seus objetivos e ao mesmo tempo contribuírem para a desorganização administrativas dos citados países africanos.

Palavras chaves: Processo educacional. Desconstrução. Formação Social.

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresentamos trata sobre a educação em Angola e Moçambique antes, durante e pouco depois do processo de independência tendo como recorte temporal o período que vai de 1940 a 1989, período no qual tanto Angola como Moçambique estiveram envolvidos pelo processo de colonização da República portuguesa e também pelo processo de luta e alcance de suas independências.

Nesse recorte abordamos a problemática do instrumento educacional, a construção e criação de escolas, tanto em Angola quanto em Moçambique para entendermos como um mesmo instrumento, o ensino, foi utilizado tanto pela República

[1]Graduada em história licenciatura, especializada em ensino de história, mestre em história social pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do grupo de pesquisa LAHAFRO- Laboratório de história afro-brasileira; membro do GETA – Grupo de estudos sobre territórios atlânticos.



portuguesa durante o período de colonização quanto pelos movimentos de libertação[2] angolanos e moçambicanos a exemplo do MPLA[3], a FNLA[4], a UNITA[5] e a FRELIMO[6] para interferirem na cultura e na tradição dos países citados levando-os tanto a uma resignificação como a uma tentativa de eliminação de seus costumes.

Partiremos, portanto, de uma analise historiografia acerca de todos os aspectos que circundam os diferentes processos de ensino pelos quais as sociedades angolanas e moçambicanas foram submetidas ao longo de nosso recorte temporal. Iniciaremos com as formas tradicionais de ensino, aquelas originárias dos povos em questão; depois passaremos a entender o processo de ensino que o português republicano inseriu de forma obrigatória em ambos os países; e consequentemente analisaremos o modelo de ensino adotado pelos movimentos de libertação de Angola e Moçambique. Ao final deste trabalho pretendemos perceber as consequências que diferentes modelos de ensino inseridos em diferentes épocas causaram nas sociedades angolanas e moçambicanas no pós-independência.

A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE.

Segundo a tradição angolana e moçambicana, a educação, ou ensino, estava ligado a responsabilidade pela criação, acompanhamento e encaminhamento das crianças de ambos os sexos como algo pertencente as atividades desenvolvidas pela mãe desde o nascimento até o alcance dos seis ou sete anos da criança, onde as atividades infantis predominantes eram as lúdicas, voltadas ao aprendizado através das

[2] Junção de pequenos grupos de pessoas que lutavam indiretamente contra o processo de colonização portuguesa tanto em Angola quanto em Moçambique. Esses grupos uniram-se se transformando em movimentos que passaram a lutar diretamente pela libertação dos citados países até que a alcançaram.
[3]Significa Movimento Popular pela Libertação de Angola, foi um movimento de luta pela independência de Angola fundado em 1950 pela fusão de vários pequenos grupos anticoloniais.
[4] Significa Frente Nacional de Libertação de Angola, foi um movimento político fundado em 1954 por grupos anticoloniais.
[5] Significa União Nacional pela Independência Total de Angola, foi um movimento de luta pela independência de Angola fundada em 1966 por dissidentes do FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio).
[6] Significa Frente de Libertação de Moçambique, era um partido político fundado em 1962 com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique, tendo como primeiro presidente Eduardo Chivambo Mondlane.

brincadeiras típicas da sociedade na qual estivesse inserida; mesmo que se revelassem brincadeiras de interesse voltados para a economia familiar como caça pequena, recolha de frutos, pastoreio, ordenha, entre outros, sendo, desde muito cedo, diferenciadas quanto ao sexo e idade em algumas sociedades.

A partir dos sete anos a criança era, por vezes, entregue a outros familiares como a avós, tios, irmãs, ou até conhecidos para serem ensinados acerca dos costumes e tradições da comunidade, mas sempre sob a vigilância da mãe como nos sugere Tavares (1973. p.65), a depender de cada tipo de sociedade, para somente depois serem enviados aos espaços de iniciação[7] tanto femininos como masculinos para receberem os ensinamentos finais sobre vida e sexualidade.

Nessas sociedades a família nuclear[8] e a família alargada[9] eram os principais responsáveis pela organização e educação das crianças, tudo era feito em conformidade com a tradição e a cultura de cada umas delas, tudo baseado e seguindo os ensinamentos deixados pelos antepassados comuns.

A EDUCAÇÃO DA REPUBLICA PORTUGUESA

Com a interferência dos portugueses nessas sociedades o processo de ensino passou a sofrer grandes mudanças transformando os costumes tradicionais e culturais desses povos. Em primeiro lugar a inserção da igreja e seus missionários responsabilizados pelo processo educativo dos angolanos e moçambicanos a partir do que podemos descrever como métodos, ou moldes europeus de comportamento a partir

[7] Refere-se a escolas ou espaços de ensino para onde os jovens eram levados a serem ensinados sobre a tradição a sexualidade e os ritos culturais da comunidade a qual pertencesse. Normalmente acessavam esses espaços no período que faz referência a passagem entre a infância e a adolescência

[8] Refere-se as pessoas que compõem o grupo dos familiares mais próximos como pai, mãe, irmãos. Aqueles que dividem a mesma casa, o mesmo espaço de moradia.

[9] Refere-se aqueles que compõem o grupo dos familiares mais distantes, bem como dos vizinhos próximos, pois muitas vezes uma comunidade inteira se torna família a partir da mesma linhagem comum, como tio, tio, primo, cunhado, vizinhos e conhecidos.

do que nos sugere Norbert Elias (1994, p.83) como *Manual Educativo*[10], com modelos padrões necessários a uma sociedade evoluída.

Com base no manual educativo a República portuguesa através do processo missionário fortaleceu a execução de seu plano de civilizar esses povos através da construção de diversas igrejas/escolas, que serviriam de suporte ao ensino principalmente religioso nas regiões de Angola e Moçambique. Segundo, iniciou a construção de várias escolas de cunho primário[11], secundário e profissional que ofereciam tanto os cursos primários, liceals, técnico comercial, industrial, agropecuário e magistério primário; no caso das escolas liceals sendo possível enumerar ao menos uma escola para cada igreja construída; em alguns casos e com o sucesso desses oferecendo também o ensino universitário a partir de 1963.

Esse processo de ensino que passou a ser fortemente oferecido tinha duas funções distintas, mas que trabalhavam em conjunto; a primeira era de através do ensino remover ou afastar quaisquer obstáculos que pudessem se colocar no caminho para neutralizar ou prejudicar o alcance dos objetivos do governo local e da republica, ou seja a tentativa de destituição das práticas e costumes dos habitantes dessas regiões e inserção dos costumes e praticas portuguesas; a segunda de educar para o desenvolvimento de mão de obra especializada capaz de nutrir as necessidades econômicas da então província autônoma[12], mas também da republica consumidora, ou

[10] Uma coletânea de observações feitas na vida e na sociedade que mostram até que ponto atendia a uma necessidade social e como registrava os modelos de comportamentos para os quais estavam maduros os tempos e que sociedade, ou mais exatamente a classe alta em primeiro lugar.

[11] A educação primária corresponde ao nível inicial da educação sem o qual um jovem não pode preparar-se para a vida e assim ser útil a sociedade (em outras palavras corresponde ao que se conhece hoje como ensino fundamental); a educação secundária corresponde a um nível mais elevado do ensino, ou a continuação das exigências necessários a formação dos jovens para o serviço a sociedade (em outras palavras corresponde ao que hoje se conhece como ensino médio); por fim a educação profissional ou técnico corresponde ao nível mais elevado do ensino, no qual o jovens tornado homem se prepara para exercer uma atividade lucrativa para a sociedade. Para mais ver RESENDE, Sebastião Soares de. 1994. p. 442.

[12] Diz-se autônoma, pois estas províncias logo, a partir de 1930 conseguiram administradores independentes dos administradores ligados diretamente a Republica Portuguesa, as províncias passaram a ser administradas através de um representante português, porém com autonomia para elaborar suas leis a partir de suas necessidades. Porém ainda com vinculo a metrópole portuguesa.



seja, produzir mão de obra para inserir nas atividades de produção afastando os homens e mulheres locais de suas atividades culturais.

> Essas escolas foram fundadas contendo dentro delas várias funções e ofícios, para além da educação primaria e secundária, entre eles "há oficinas de encadernação, de alfaiate, de sapateiro, de ferreiro, funileiro, carpinteiro, e pedreiro," todas mantidas e organizadas por auxiliares portugueses e com o mesmo objetivo, a educação civilizadora, estas funcionavam da mesma forma e com os mesmos objetivos tanto em Angola como em Moçambique. (SILVA, 2018, p.93)

O crescente aumento de escolas nas regiões de Angola e Moçambique a partir de 1942 fez com que a quantidade de alunos matriculados também aumentasse isto porque as escolas agora estavam sendo construídas nos locais mais afastados das cidades, o que indica uma forte tentativa de inserir dentro desse ensino os habitantes locais que ainda não tinham sido alcançados pelas missões, ou mesmo que se recusavam a estar presente nas atividades por elas oferecidas; agora com mais planejamentos e gastos em suas construções indo desde sua estrutura arquitetônica até sua organização interna na intenção de ser muito mais atrativa aos ditos alunos locais como nos exemplifica Morgado.

> Na Avenida 24 de Julho, na parte ocidental de Lourenço Marques, ao lado do velho Liceu Antonio Enes, esta em construção um novo liceu com o mesmo nome, que será dotado de apreciáveis características. Trata-se de dois grandes blocos de aula, de três pisos cada, desenvolvendo-se paralelamente, que suportação mais de setecentos alunos dos três ciclos, distribuídos por mais de vinte salas de aula, além de muitas outras, adequadas ao ensino. [...] (MORGADO, 1960, p.610)

Nos territórios de Angola somente em relação ao ensino técnico registramos uma rápida evolução tanto nas instalações quanto no desenvolvimento dessas escolas; essa evolução deu-se principalmente devido a reafirmação da necessidade de readaptação do ensino técnico para atender as exigências cada vez maiores da economia da província baseados principalmente no Decreto 37.029 de

1948[13] que reformulava as atividades e os processos educativos no tocante a formação das escolas, aos cursos preparatórios, cursos complementares e cursos de formação, que agora reorganizados permitiam a ampliação do ensino.

Essas escolas comerciais possuíam em seu currículo uma grade que basicamente não se diferenciava entre as atividades oferecidas, ao não ser por pequenos requisitos ligados as áreas específicas de atuação, no mais todo ensino era voltado para a destituição das cargas culturas locais, ou seja, não havia interesse por partes desses educadores de promover o desenvolvimento intelectual dos angolanos e moçambicanos, mas apenas utilizar-se de sua mão de obra.

"A herança colonial sobrevalorizava as instituições herdadas do processo de civilização técnico-industrial, desvalorizando ou desconhecendo a tradição africana e construindo e promovendo elites dirigentes com o objectivo de integração no sistema-mundo" (BRAGANÇA A. de; Wallestein, I. 1978, p.45). Era esta a situação que se verificou em toda a África colonizada por europeus, onde não se soube reconhecer que, se na Europa educação é sinônimo de educação formal[14], no continente africano a sociedade tem uma forte tradição de educação não formal segundo os moldes europeus o que causou fortes instabilidades ao processo de ensino português que apesar de tantos investimentos enfrentou grandes recusas por parte de algumas sociedades angolanas e moçambicanas.

A EDUCAÇÃO DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

A partir do processo de exploração e dominação dos portugueses através da oferta de ensino até então verificada as sociedades citadas anteriormente começaram a buscar suas independências processo que durou de 1945 a 1975 e pós 1975[15]. Essa busca a partir de 1960 foi pautada por uma forte luta armada que deu origem a vários

[13] Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial, Decreto nº 37.029 de 25 de agosto de 1948.
[14] Entenda-se por educação formal a educação que se dar no âmbito escolar seguindo as regras e leis educacionais e governamentais de uma região.
[15] Alguns países so alcançaram suas independências pós 1975, estes necessitaram de ajuda tanto dos movimentos de libertação de Angola como de Moçambique como é o caso do Zimbabwe.

movimentos de libertação tanto em Angola como em Moçambique, esses movimentos tinham como forte influencia a febre da militância cujo objetivo imediato de retirar o português do poder local era uma emergente necessidade. (ARNAUT; LOPES, 2008, p. 83)

Esses movimentos tinham como principal compromisso recrutar angolanos e moçambicanos envolvidos com a causa da independência ou excluídos[16] pelos portugueses da sociedade para formarem um exercito combatente contra o exercito português e assim poder resgatar os costumes, línguas e tradições locais por eles modificados; para tanto utilizaram do mesmo instrumento de transformação dos portugueses, o ensino e a formação escolar; acabar com o analfabetismo e implementar centros de reeducação com vista à construção do Homem Novo incluiu nos materiais pedagógicos, fortes recursos e cargas ideológicas como verificado na citação abaixo.

> Se para nós o ponto nevrálgico é fabricar o homem novo, temos que definir correctamente o que é um campo de reeducação e quais os seus objecivos. Temos de saber primeiro, com clareza, o que quer dizer reeducação. Fechar o homem entre quatro paredes durante 10 anos e depois dizer que sim, já é um homem novo?
> Quais os comportamentos que nos levam a conduzir um indivíduo para os campos de reeducação? Que tipo de política deve incidir sobre esses homens? Tem de haver como que um gráfico, um termômetro para medir corretamente o que é que cada um fez e ver depois como é que se desenvolve, para quando atingir um certo grau sair do campo. (CENTROS DE REEDUCACÃO, 1981, p.1)

Considerando a alfabetização uma tarefa prioritária, as autoridades angolanas criaram a Comissão Nacional de Alfabetização, em 1976, sob a tutela do Ministério da Educação, mas dependendo funcionalmente das estruturas do MPLA, que levou a cabo uma Campanha Nacional de Alfabetização de forma a diminuir o número de analfabetos. Recorde-se que ao olhar das autoridades angolanas, a alfabetização era

[16] Muitos angolanos e moçambicanos por não se encaixarem ou se rebelarem contra o modelo educacional e administrativo dos portugueses acabavam sendo excluídos dos processos de ensino e trabalho, dessa forma partiam para o mundo do crime, ou da prostituição. Os movimentos de libertação tinham como objetivo resgatar essas pessoas transformando-as em homens novos e assim poder inseri-los como guerrilheiros em seus movimentos.

uma aposta de todo o povo, por isso, aqueles que sabiam ler e escrever eram recrutados como alfabetizadores que tinham a missão de ensinar os que não sabiam, situação contraria ao processo de ensino português que trouxe missionários formados em Portugal para servirem de alfabetizadores.

Dessa forma vários centros de educação foram montados em ambas as regiões, de Angola e Moçambique, com suas bases de ensino, mas também de treinamento, pois além da alfabetização outros objetivos específicos dos centros de estudos era o de formar soldados combatentes e também reeducar física e moralmente homens e mulheres afetados pelo sistema português a viverem sem encaixes tanto na vida tradicional como no sistema português.

> É, pois, no esforço e empenho de cada um nesta batalha para vencermos o subdesenvolvimento que aprendemos a respeitarmo-nos e admirarmos o que mais se destacam. É nesse processo que as nossas relações se transformam, transformando-nos. É nesta marcha que somos cada vez mais o Homem Novo e nos amamos.
> Neste amplo processo há porem um problema. O presidente Samora Marchel colocou-o: Mas se alguns de nos são vagabundos, são preguiçosos como é que nos vamos amar?
> Há homens que viveram como instrumento da maquina de opressão colonial e cometeram crimes bárbaros contra o povo. Há homens que foram marginalizados e aprenderam a viver do roubo e muitas outras formas de crimes. [...] Em suma. Há homens destruídos e bloqueados por um passado recente que precisam de ser reconstruídos e libertos. (CENTROS DE REEDUCAÇÃO. 1981, p. 1)

A escola e o ensinar passaram então a ser na estratégia dos movimentos de libertação a principal arma de combate ao inimigo, o português, e por isso em grande maioria os ensinamentos que eram dispostos nessas escolas versavam sobre o desprezo ao dito inimigo e a necessidade de combatê-lo com o envolvimento total da população. Esse era o principal enfoque dos discursos realizados nas escolas, hospitais e praças públicas de Angola e Moçambique. “A nossa escola é uma base para o povo tomar o poder. [...] é um centro de combate contra: a mentalidade escrava ao estrangeiro, os vícios, os defeitos. [...] é centro de combate contra a ignorância e obscurantismo [...] é

um centro de combate de produção da nova mentalidade [...]" (DISCURSOS DE SAMORA MACHEL. 1981, p.1)

Essa necessidade ávida de preparar o menino, mulher e homem angolano e moçambicano no combate, para a luta fez com que o objetivo inicial de resgate dos costumes locais, resgate das sociedades, não mais exploração entre outros terminasse sendo esquecidas uma vez que esses movimentos não conseguiram se preparar politicamente e administrativamente para uma ampla ação social, mas unicamente para a formação de militantes combatentes, como nos esclarece CORREIA (1977, p.191)

> A falência do poder colonial e de sua maquina administrativa aguçou essa tendência de muitos GDs, levando-os, principalmente nas cidades, a ganhar rapidamente um poder real no âmbito de seus locais de atuação, o que radicalizou suas contradições internas. [...] No geral, o que acontecia, parecia-nos, erram erros de atuação motivados quase sempre por uma ausência de prática política anterior, agravada pela inevitável deficiência da assistência política superior na hora da tomada de poder [...] "É evidente que a ofensiva generalizada não se limitou, nem poderia ter sucesso sequer no plano militar, se se reduzisse a uma pura e simples intensificação de combates de grande envergadura [...]".

O desejo de combate e eliminação do inimigo português visível nas falas e discursos tanto dos presidentes como dos demais integrantes dos movimentos de libertação é o que nos traz a problemática a ser abordada em nossa pesquisa uma vez que o processo de ensino, ou educação escolar, ora abordado pelos portugueses com o objetivo de destituir o angolano e o moçambicano de seus costumes e praticas conseguindo interferir profundamente na vida dessas sociedades, ora pela necessidade de uma nova abordagem desse mesmo processo de ensino por parte dos movimentos de libertação que devido ao forte repudio pelo português acabaram interferindo e modificando também os costumes locais ao invés de resgata-los como era o objetivo inicial de sua abordagem.

Esta situação, de insucesso educativo por ambos os lados apresentados, que se traduz depois no índice elevado de insucesso e abandono escolar vai, na década

de 80[17], traduzir-se no desinvestimento progressivo na educação na maior parte dos países africanos. Em Angola e Moçambique a situação vai ser a mesma que no resto do continente, embora com um ligeiro atraso no tempo devido à descolonização tardia, mas agravada pela situação de guerra civil imposta.

O problema descrito aqui estava e esta principalmente na falta de experiência e organização dos grupos, movimentos de libertação, tanto em Angola quanto em Moçambique, pois estes não se organizaram, ou prepararam-se para executar uma administração necessária para o período de guerra e outra para período de pós independência levando o setor político administrativo a uma forte crise financeira e social, bem como a falência e desaparecimento de grande parte das cargas culturais e tradicionais das sociedades locais. Houve como podemos ver na citação seguinte um forte despreparo de tais movimentos.

> Sabemos que quando há estruturas políticas enraizadas no seio do povo, as estruturas sócio-econômicas estão ai. Hoje é impossível determinar as prioridades das tarefas. Nesse caso: Qual é o nosso trabalho. Senão a continuação do que realizamos ao longo de dez anos, quando estávamos em luta aramada? As estruturas que criamos nas zonas libertadas durante os dez anos de Luta de Libertação Nacional são as mesmas que devem orientar o Governo e influir sobra as zonas que estiveram dominadas pelo colonialismo até a independência, ou mais especialmente, até a formação do governo de transição. (DISCURSOS DE SAMORA MARCHEL, 1976, p.41)

Durante o processo de formação dos movimentos de libertação o objetivo final dessas guerrilhas armadas era unicamente de combater o inimigo colonizador e alcançar as independências tão desejadas, dessa forma não realizaram o resgate das tradições e culturas locais. Com o advento da independência, portanto, o objetivo final passou a ser então o desenvolvimento da economia industrial tanto de Angola quanto de

[17] Muitas escolas nesse período passaram a se preocupar muito mais com o ensino de língua estrangeira a exemplo do inglês, espanhol e português do que com o resgate e ensino das línguas e dialetos locais; fazendo com que os jovens muitas vezes não soubessem ao menos uma língua local.

Moçambique fazendo com que mais uma vez o resgate cultural e tradicional fosse deixado em segundo plano.

CONCLUSÃO

Devido as constantes vezes em que o resgate das tradições e culturas das diferentes sociedades de Angola e Moçambique não foram entendidas como algo pertencente ao primeiro plano administrativo dos movimentos de libertação esta decisão afetou os citados países em varias áreas que precisavam de planejamento e investimento, mas principalmente a questão escolar, pois desde o inicio da formação desses movimentos não ensinou-se sobre os costumes locais, assim como também não aconteceu com a educação portuguesa, pelo contrario, eliminaram-nas quando as ignoraram devidos a outras coisas ditas como importantes; Isso afetou profundamente as culturas e tradições das varias comunidades de Angola e de Moçambique que passaram a dedicar-se cada vez menos a esse resgate, pois precisavam estar inseridos no novo modelo de organização baseado no desenvolvimento econômico dos países libertados.

Embora nos pareça que o processo de ensino utilizado pelos movimentos de libertação tenha surtido efeitos significativos, esses vieram cheios de insignificações, pois se considerava importante que a renovação dos sistemas educativos assegurasse a relevância para as necessidades de desenvolvimento econômico, social e cultural desses países, para as aspirações dos seus povos e para os valores africanos tradicionais, que são prometedores de progresso futuro e para o reforço da sua independência, porém os sistemas educativos adotados por esses movimentos usavam a mesma matriz dos sistemas educativos do antigo país colonizador, o combate a algo ou alguém, o que gerou uma crise tanto econômica como administrativa, educacional e cultural nos territórios angolanos e moçambicanos que perduram por longos anos.

REFERÊNCIAS

ARNAUT, Luiz; LOPES, Ana Monica. **História da África uma introdução**. 2. ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

BRAGANÇA, A. de; WALLESTEIN, I. **Quem é o inimigo**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1978.

CENTROS de reeducação (1974-1985). **Frelimo cria campos de reeducação: novembro 1974.** Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/reeducation.php>. Acesso em: 12 agosto 2018.

_____ de reeducação (1974-1985). **Reeducação e legalidade fabricam homem novo: junho 1981**. Disponível em: <http://www.mozambiquehistory.net/reeducation.php>. Acesso em: 12 agosto 2018.

_____ de reeducação (1974-1985).**Para os centros de reeducação só se vai depois de julgado e condenado: junho 1985**. Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/reeducation.php>. Acesso em: 12 agosto 2018.

CORREIA, Sonia. **Moçambique: primeiras machambas.** Rio de Janeiro: Margem editora, 1977.

DISCURSOS de Samora Marchel pré (1974). **Um inimigo implacável do coloni9alismo e do imperialismo.** Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/smm_discursos_pre-1974.php>. Acesso em: 19 setembro 2018.

_____ de Samora Marchel (1975). **Quando se ataca o inimigo é para destrui-lo.** Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/smm_discursos_1975.php>. Acesso em: 19 setembro 2018.

_____ de Samora Marchel (1975). **A nossa tarefa atual é a apoiar a luta do Zimbabwe.** Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/smm_discursos_1975.php>. Acesso em: 19 setembro 2018.

_____ de Samora Marchel (1981). **Escola é um centro onde aprendemos a servir sempre melhor o povo**. Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/smm_discursos_1981.php>. Acesso em: 19 setembro 2018.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

MORGADO, D. Nuno Alves. Educação e ensino, novo liceu em Lourenço Marques. **Boletim da Agencia Geral das Colônias**, n. 426, p. 611-613, 1960. Disponível

em:<http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BGC/BGU-N426&p=611>. Acesso em: 3 maio 2017.

RESENDE, Sebastião Soares de. **Profeta em Moçambique**.Lisboa: Difel, 1994. ISBN 972-29-0307-1.

SILVA, Cecília Gomes da. **Significados e transformações das praticas poligâmicas nas sociedades de Angola e Moçambique: 1910-1965**. 2018.

TAVARES, Armando Martins. **Reflexões sobre problemas da infância africana**. 1973. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.